

# A crise de redirecionamento da indústria

**A** redução no crescimento da economia brasileira surpreendeu ao governo, na intensidade em que foi verificada. A desaceleração era prevista, mas seu ritmo foi além do que era esperado. No início do ano, havia uma estimativa de crescimento para 1981 entre quatro e cinco por cento. Hoje, as previsões mais otimistas estimam que, se esse crescimento atingir a 1% ao final do ano, será um bom resultado.

O novo quadro da economia é reflexo deliberado, decorrente da política de contenção do crédito que afetou a demanda de bens e serviços. Ao mesmo tempo, houve um ajustamento nas contas externas, com cortes nas importações e um programa de intensificação das exportações. Segundo o Chefe da Assessoria Econômica do Ministério da Indústria e do Comércio, Delile Guerra de Macedo, o esforço desenvolvido na busca de mercados externos refletiu positivamente no setor industrial, evitando que a crise atual fosse ainda mais aguda.

O comportamento das exportações contribuiu para amenizar o quadro recessivo e permitiu que o número de desemprego não fosse ainda maior. No entanto, ao lado da surpresa manifestada em áreas do setor econômico, há também os primeiros sinais de esperança. Na observação do assessor econômico do Ministério da Indústria e do Comércio, "a confirmar as taxas de crescimento da inflação, se ainda não chegamos, estamos chegando ao fundo do poço. Não há mais como ampliar este quadro recessivo e existem indicadores de reação".

Esta estimativa de reação exclui a possibilidade de tratar-se apenas de um reflexo de fim de ano, quando naturalmente há uma certa retomada dos negócios. A precaução sugere que uma avaliação da retomada do crescimento, para ser definitiva, deve aguardar ainda mais alguns meses. Contudo, técnicos do governo que acompanham mensalmente o desempenho dos diferentes setores da economia crêem na continuidade da atual tendência de redução da inflação.

Segundo Delile Guerra de Macedo, o governo não poderá perder o controle que mantém atualmente da economia, sob pena de a inflação retomar sua

curva de crescimento. Explicou que, quando a inflação situar-se em patamar inferior a 40 por cento ao ano, o Brasil poderá retomar seu ritmo de crescimento anterior, sem a euforia de antes e mantendo um nível de mercado compatível com as condições do país.

Dois fatores influíram ainda para os contornos do quadro atual: a nova política salarial e a liberação das taxas de juros. No primeiro caso, as classes menos favorecidas, com ganhos até três salários mínimos, tiveram seu poder de compra aumentado, o que veio a influir no próprio comportamento do setor industrial. As indústrias buscaram mudar, na medida do possível, sua linha de produtos, em consequência da redução da demanda de bens mais sofisticados.

O aumento do poder de compra de uma parcela da população não foi suficiente para que esta parcela adquirisse produtos situados nesta linha de sofisticação. A indústria voltou-se, então, para a linha de produtos acessíveis às faixas de renda beneficiadas com a política salarial.

A liberação da taxa de juros no mercado interno foi um expediente adotado como tática, para estimular os tomadores a procurar o mercado externo. Ainda nesta linha, a liberação também atingiu os preços de bens duráveis, e o segmento mais atingido foi o da indústria de transformação, com redução nas vendas de seus produtos. Este segmento participa com mais de setenta por cento do produto industrial, que até outubro registrou uma queda de sete por cento.

De acordo com dados do IBGE, o desempenho da indústria de transformação caiu ainda mais nos três primeiros trimestres deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado. O índice de produção ficara em 0,07 por cento nos primeiros seis meses deste ano e em - 3,44 por cento no segundo trimestre, caiu para - 7,7 por cento no terceiro trimestre.

Entre os setores mais afetados, estão as indústrias de material de transporte, produtos de matéria plástica, metalurgia e de material elétrico e de comunicações. Esses setores enquadram-se nas categorias de bens de capital e bens de consumo duráveis.

Nos três primeiros trimestres do ano, apenas as indústrias, farmacêutica, de per-

fumaria, sabões e velas e de vestuário, calçados e artefatos de tecidos, além de produtos alimentares, incluídas na categoria de bens de consumo essencial, apresentaram índices positivos de crescimento. No entanto, ainda aqui, notou-se uma queda gradativa nos indicadores de produção desses setores.

Para os técnicos da área econômica, embora os indicadores da produção industrial tenham apresentado um quadro pouco otimista para a indústria, a recuperação é esperada no último trimestre. Observam que a perspectiva para alguns setores indicam expansão sobre os resultados verificados nos primeiros nove meses do ano. Neste caso incluem-se, por exemplo, as indústrias ligadas à produção de eletrônicos. De acordo com as previsões da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (ABINEE), as indústrias do setor encontram-se em expansão. Especificamente neste caso, as fábricas de auto-rádios registram expansão em decorrência da queda do estoque de veículos, ao final do terceiro trimestre.

Ao mesmo tempo, espera-se para os últimos três meses do ano um incremento na comercialização de produtos ligados à categoria de bens de consumo, especialmente aqueles das indústrias têxtil, vestuário, calçados, produtos alimentares e bebidas — isso, em decorrência das festas de Natal e fim de ano.

O acompanhamento do índice de produção vai revelar que o desempenho da indústria de transformação vem decrescendo gradativamente. O índice de produção do setor situava-se ao final do ano passado em 7,5 por cento, tendo caído para 5,46 por cento, em março e 2,33 por cento, em junho. Ao final do terceiro trimestre (setembro), este nível estava em - 4,27 por cento. De acordo com esta tendência, o setor deverá encerrar o ano com um índice de produção industrial negativo.

Os indicadores de produção, nos últimos doze meses, foram mais baixos nas indústrias de produtos de matérias plásticas (- 15,22 por cento) e de material de transporte (- 16,93 por cento), ficando, especificamente, no caso de auto-veículos em - 19,23 por cento. Ao final do terceiro trimestre, houve melhora na comer-

cialização de automóveis, especialmente modelos de passeio. Em consequência do aumento na comercialização, os estoques de veículos declinaram 22 por cento.

Segundo técnicos do governo, embora as estimativas estatísticas indiquem um índice de produção industrial negativo ao final deste ano, apontando uma pequena retomada do crescimento, alterações conjunturais poderão reforçar ainda mais a recuperação, sem prejuízo à política de combate à inflação e sem perder de vista as dificuldades do balanço de pagamentos, cujo déficit em conta corrente deve situar-se em torno de US\$ 11 bilhões, 33,5 por cento do PIB, segundo dados da SEPLAN.

A análise do desempenho industrial, por categoria, mostra que o setor de bens de capital, em relação ao ano passado, registra um decréscimo de - 16,61 por cento, seguido pelas indústrias de bens intermediários, com - 8,13 por cento. O melhor desempenho está com as indústrias de bens de consumo não-duráveis, que encerraram o terceiro trimestre com um índice negativo de - 1,65 por cento, em relação ao mesmo período do ano passado.

Relativamente aos últimos doze meses, é também a categoria de bens de consumo duráveis que aparece com índice mais baixo (- 14,87 por cento). A categoria de bens de consumo confirma os resultados verificados no segundo trimestre, aparecendo como aquela que foi menos afetada pelo dasaquecimento observado no setor secundário.

A perspectiva de retomada do crescimento industrial pode ser melhor compreendida, quando inseridos nela os dados da arrecadação do IPI, por região. Enquanto no final do segundo trimestre, a queda foi menor (- 4,6 por cento). Vendendo-se a questão pelo lado regional, nota-se que a arrecadação do IPI da região Norte, aumentada em 8,1 por cento em junho, passou para 11,9 por cento no mês seguinte. Na região Nordeste, passou de - 2,1 por cento em junho, para 1,3 por cento em setembro. O quadro na região Sudeste mostrou uma alteração de - 8,1 por cento em junho para - 7,4 por cento em setembro e, na região Sul, as alterações foram de 1,1 por cento, em junho, para 4,9 por cento em setembro.